



A pesquisa (auto)biográfica: por uma hermenêutica descolonizadora

(Auto)biographic research: for a decolonizing hermeneutics

Maria da Conceição Passeggi*

Resumo: Neste artigo propomos aproximações de uma hermenêutica descolonizadora alinhada à hermenêutica feminista, que reivindica o reconhecimento da mulher na plenitude de sua humanidade, posta em risco por uma mirada androcêntrica do mundo e da espiritualidade. O propósito é trazer para a discussão princípios epistemológicos e direcionamentos da pesquisa (auto)biográfica em educação, entendendo que essa vertente da pesquisa qualitativa se inscreve numa perspectiva epistemopolítica, libertadora e descolonizadora, portanto, adequada às reflexões que vêm sendo conduzidas na perspectiva da hermenêutica feminista. A reflexão toma a narrativa como elemento comum da pesquisa (auto)biográfica em educação e da hermenêutica feminista, permitindo aprofundar o debate sobre tradição e transformação. É, portanto, com base nos vínculos entre herança e mudança, submissão e empoderamento, que tentamos nos aproximar do horizonte de gênero hoje consagrado. Tecemos, primeiramente, considerações sobre narrativa e narração, situando o interesse pela narrativa no que se convencionou chamar de “giro linguístico” ou “giro discursivo”. Em seguida, apresentamos princípios e direcionamentos da pesquisa (auto)biográfica, sobre os quais se assentaria uma hermenêutica descolonizadora, para finalmente abordar a travessia do sujeito epistêmico ao sujeito autobiográfico, que se constitui na linguagem e no exercício da reflexividade narrativa, suscetível de promover a consciência crítica da nossa historicidade.

Palavras-chave: Narrativa autobiográfica. Reflexividade. Empoderamento. Hermenêutica descolonizadora.

Abstract: In this paper, we propose approximations of a decolonizing hermeneutics aligned to a feminist hermeneutics that claims women’s recognition at the fullness of her humanity, which was put at risk for an androcentric view of the world and spirituality. Our goal is to discuss some epistemological principles and (auto)biographical research orientations in education, considering that this segment of qualitative researches is bound to an epistemopolitical, liberating and decolonizing perspective, thus appropriate to the reflections that have been conducted from a feminist hermeneutics point of view. The present study takes narrative as a common element of the

* Pesquisadora do CNPq-Pq2. Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Doutora em Linguística. Pós-doutora em Fundamentos da Educação. Presidente da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (BIOgraph) (2014-2016). Líder do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa, Formação, Auto.Biografia e Representações e Subjetividades (GRIFARS-UFRN-CNPq). Editora de seção da Revista Brasileira de Educação (RBE-ANPED). Suas pesquisas tematizam as narrativas autobiográficas como método de pesquisa e dispositivos de formação e focalizam a reflexividade autobiográfica como disposição humana promotora da reinvenção permanente das representações de si e do outro. Contato: mariapasseggi@gmail.com.



(auto)biographical research in education and of the feminist hermeneutics, allowing to deepen the discussion on tradition and changes. It is therefore based on this ties between legacy and change, submission and empowerment that we try to come closer to the gender horizon today established. Firstly, we consider narrative and narration, contextualizing the interest by the narrative in what we come to be known as “linguistic turn” or “discursive turn”. Secondly, we present principles and orientations of the (auto)biographical research about which would be based a decolonizing hermeneutics, and then we approach the passage of the epistemic subject to the autobiographic subject, constituted in language and in the exercise of the narrative reflexivity, susceptible to promote the critical conscience of our historicity.

Keywords: Autobiography narrative. Reflexivity. Empowerment. Decolonizing hermeneutics.

Considerações iniciais

De teoria, na verdade, precisamos nós. De teoria que implica numa inserção na realidade, num contato analítico com o existente, para comprová-lo, para vivê-lo e vivê-lo plenamente, praticamente.¹

A presente proposta de uma hermenêutica descolonizadora, sobre a qual me arrisco a tecer uma primeira aproximação, resulta de uma inquietação permanente em meus estudos quanto ao fato de a pesquisa (auto)biográfica priorizar como objeto de investigação a ação de narrar a própria vida (auto-bio-grafar), o que me leva a situá-la,² na perspectiva de uma epistemologia do sul, pós-colonial, como propõe Boaventura de Souza Santos.³ Quero agradecer às colegas Edla Eggert e Marli Brun, pesquisadoras das relações de gênero, que me propiciaram a possibilidade de me aproximar, ainda que muito timidamente, de uma hermenêutica feminista na América Latina que, vinculada à teologia da libertação, propõe uma releitura das narrativas bíblicas e reivindica para a mulher a plenitude de sua humanidade, cerceada, negada por discursos legitimadores de uma visão androcêntrica e patriarcalista do mundo e da espiritualidade. O desafio exige grande fôlego, mas mesmo a mais longa caminhada começa sempre pelo primeiro passo.

O propósito é trazer uma modesta contribuição para a discussão, limitando-me a apresentar princípios epistemológicos e direcionamentos da pesquisa (auto)biográfica em educação, entendendo que essa vertente da pesquisa qualitativa se inscreve numa perspectiva epistemopolítica, como sugerem Pineau e Le Grand.⁴ Nesse sentido, ela adota uma mirada

¹ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e terra, 199.2

² PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativa, experiencia y reflexión auto-biográfica: por una epistemología del sur en educación. In: ARANGO, Gabriel Jaime Murillo (comp.) *Narrativas de experiencia en educación y pedagogía de la memoria*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2015.

³ SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente*. Contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002; SANTOS, Boaventura de Souza. *Una epistemología del Sur*. México: Siglo XXI; CLACSO, 2009.

⁴ PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. *As histórias de vida*. Trad. de Carlos Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi, Natal: EDUFRN, 2012.

libertadora e descolonizadora, o que me parece, portanto, adequada às reflexões que vêm sendo conduzidas sobre “justiça de gênero”⁵ como princípio teológico, pedagógico e ético.

Ao escutar a palestra da professora Monica Jyatsna Melanchthon, no III Congresso Internacional da Faculdades EST⁶, que propunha como tema de reflexão “Reforma: Tradição e Transformação”, percebi muito claramente que o elemento comum entre a hermenêutica feminista e a pesquisa (auto)biográfica em educação é a *narrativa* – no caso da teologia feminista, a narrativa bíblica em primeira instância e, no caso da pesquisa (auto)biográfica, a narrativa de si, autobiográfica. Na discussão que se seguiu à palestra, foram muitas as questões provocadoras. Mas ficou evidente que o problema fundante era saber quem assumia o lugar de narrador nos excertos bíblicos analisados sobre a violência contra a mulher. O que se “ouve” são vozes masculinas que se impõem ao silenciamento da mulher vítima da violência.

Não é sem razão que a temática do citado evento nos instigasse a pensar sobre tradição e transformação. É, portanto, no intuito de problematizar os vínculos entre herança e mudança, submissão e empoderamento, que gostaria de focalizar a pesquisa (auto)biográfica como propícia aos estudos de gênero já consagrados cientificamente. Primeiramente, teço algumas considerações sobre narrativa e narração, situando o interesse pela narrativa no que se convencionou chamar de “giro linguístico” ou “giro discursivo”. Em seguida, esboço o que considero como os grandes princípios e direcionamentos da pesquisa (auto)biográfica, sobre os quais se assentaria uma hermenêutica descolonizadora para, finalmente, abordar a travessia do sujeito epistêmico ao sujeito autobiográfico, que se constitui na linguagem e no exercício da reflexividade narrativa, suscetível de promover a consciência crítica da nossa historicidade.

A narrativa: uma descoberta recente e desconcertante no universo científico

Nos últimos trinta anos, vemos delinear-se nas ciências humanas e sociais um interesse cada vez maior pela narrativa, embora como um horizonte de pesquisa desconcertante para o universo científico. Certamente as inquietações nascem da longa tradição da narrativa como objeto (con)sagrado dos estudos literários e da linguagem, que evidenciam aspectos relacionados à subjetividade, à ficção, à estética, à emoção considerados avessos à cientificidade, mas de um valor inestimável para a compreensão do humano. Para Barthes,⁷ a narrativa “começa com a própria história da humanidade” e sua diversidade quase infinita é o indício de sua inquestionável universalidade. Têm especial realce para a história ocidental as narrativas bíblicas, jurídicas, literárias, históricas, infantis, ficcionais, anedóticas, jornalísticas, midiáticas, românticas,

⁵ Disponível em: <<http://periodicos.est.edu.br/index.php/genero/article/view/2490>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

⁶ III Congresso Internacional da Faculdades EST: “Reforma: Tradição e Transformação”, São Leopoldo, 16-17/09/2016.

⁷ BARTHES, 1981, p. 19. Introdução à análise estrutural da narrativa. In BARTHES, R. et al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Zeila Barbosa Pinto. Rio de Janeiro: Vozes, 1981, p.19-60.



ideológicas, políticas, digitais, etc. Nós, humanos, continuamos a tecer cotidianamente as mais diversas narrativas para dar sentido ao acontece e ao que nos acontece. De igual modo, vamos nos tecendo com elas e por elas. Como sugere Freire na abertura deste texto, não é, pois, sem razão que precisamos de teorias que nos ajudem a compreender e a interpretar o que ouvimos e o que narramos, que nos levem a entender a magia e o poder das palavras organizadas sob a forma de narrativas, o modo como explicam o mundo e nos constituem, seja enquanto sujeitos emancipados, seja enquanto sujeitos assujeitados. Teorias que nos ajudem a viver num contato analítico com a existência, para vivê-la mais plenamente.

A travessia da narrativa da literatura para o campo dito científico não se fez sem despertar polêmicas. Bastaria citar o célebre artigo de Pierre Bourdieu que se posiciona contra “A ilusão biográfica”, publicado em 1986, e a defesa do método biográfico por Franco Ferrarotti, desde 1983.⁸ O que importa lembrar aqui é o “retorno do sujeito”, que havia sido expulso do campo de investigação pelos paradigmas dominantes, notadamente o estruturalismo e o behaviorismo. A legitimidade desse retorno não deixa de ser tributária do que se convencionou chamar de “giro linguístico” ou “giro discursivo”, que propõe uma inversão das relações entre pensamento e linguagem e entre linguagem e a ação do sujeito no mundo. Como já propunha Vygotsky,⁹ “o pensamento não se expressa, mas se realiza na palavra”, pois ao transformar-se em linguagem ele se reestrutura e se modifica. Assim, entendendo-se a linguagem como fator estruturante das visões de mundo, do modo de perspectivar a realidade, como sugere Tomasello,¹⁰ os pesquisadores passam a se debruçar sobre crenças, representações, valores, mediante os quais o humano dá sentido à vida. E, mais ainda, a linguagem não só estrutura o pensamento, mas se impõe como ação no mundo, conforme demonstram os estudos da pragmática. No célebre livro, *Quando dizer é fazer*, Austin¹¹ chama a atenção para os atos performativos e a força da linguagem como ação criadora de realidade no mundo. Daí a importância de se compreender melhor a relação entre pensamento, linguagem e práxis social.

É nesse contexto que a narrativa oral e escrita, como afirmam Brockmeier e Harré,¹² torna-se “a descoberta da década de 1980”, o canal pelo qual circula e se estrutura a voz dos atores sociais, que ao narrarem suas próprias experiências se constituem na e pela ação da linguagem, agindo no mundo e sobre o mundo. As narrativas tornam-se, a partir de então, um parâmetro linguístico, psicológico, cultural e filosófico fundamental para explicar a natureza e as condições da

⁸ PASSEGGI, 2014. Pierre Bourdieu: da “ilusão” à “conversão” autobiográfica. In: *Revista da FAEEBA – Educação e contemporaneidade*, Salvador, v. 23, n. 41, p. 223-235, jan./jun. 2014.

⁹ VIGOTSKI, Lev S. *A construção do pensamento e da linguagem*, 2001, p. 412.

¹⁰ TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

¹¹ AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Trad. de Danilo. Marcondes de Souza Filho. / Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

¹² BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, 2003, p. 526.



existência humana,¹³ e um objeto de estudo potencialmente legítimo para se ter acesso aos modos como o sujeito, ou uma comunidade, dá sentido à existência, organizando suas memórias, justificando suas ações, silenciando ou evidenciando outras, projetando-se em permanente devir.

A pesquisa (auto)biográfica: o processo de biografização e suas apostas epistemológicas

É dentro dessa quase infinita diversidade de narrativas que a pesquisa (auto)biográfica opera um recorte. Seu interesse recai mais especificamente sobre as narrativas autobiográficas, aquelas em que o narrador ou a narradora elabora a sua própria história e nela se projeta, ao mesmo tempo, como personagem e autor ou autora da reflexão conduzida. A ação de narrar implica, ao mesmo tempo, um processo (a narração) e um produto dele resultante (a narrativa). Na narração, a pessoa que conta se apropria da linguagem no ato de enunciação. Assim fazendo, ela simultaneamente desenvolve um trabalho hermenêutico, interpretativo para dar sentido às experiências narradas, e um trabalho de textualização, pelo qual produz uma narrativa, organizando os acontecimentos sob a forma de um enredo, de uma história com começo, meio e fim.

No âmbito da pesquisa (auto)biográfica, Delory-Momberger¹⁴ e Alheit e Dausien¹⁵ interrogam não apenas a capacidade do ser humano de narrar uma história qualquer, mas também a capacidade de fazer a narração de sua própria vida, o que denominam de *biografização*, entendida como uma atividade mental, cognitiva pela qual o humano organiza narrativamente a experiência vivida. Para os autores, a biografização da própria experiência não seria uma ação esporádica, circunstancial, e sim um processo permanente pelo qual nos transformamos e nos tornamos, cada dia, em quem somos. É nos contando nossa história ou contando-a a alguém que nos damos conta da nossa historicidade como pessoa agindo e interagindo no mundo da vida. Nesse sentido, ganha força a afirmação de Bruner¹⁶ quando propõe que “a criação do eu é uma arte narrativa”, portanto um ato performativo, autopoietico pelo qual narrar-se é (re)inventar-se.

Para Delory-Momberger,¹⁷

A atividade biográfica não é uma atividade episódica e circunstancial limitada unicamente à narrativa de vida, mas uma das formas privilegiadas da atividade mental reflexiva segundo a qual o ser humano representa a si mesmo e se compreende no seio de seu ambiente social e histórico.

Ora, se a pesquisa (auto)biográfica privilegia como objeto de estudo o processo de biografização, seu objetivo é compreender como nos tornamos quem somos e em função de quais

¹³ BROCKMEIER; HARRÉ, 2003; BROCKMEIER; HARRÉ, 2003.

¹⁴ DELORY-MOMBERGER, Christine. *Histórias de vida. Da invenção de si ao projeto de formação*. Trad. Albino Pozzer, Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2014.

¹⁵ ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. In: *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 177-197, jan./abr. 2006.

¹⁶ BRUNER, Jerome. *Fabricando histórias: literatura, direito, vida*. Trad. de Fernando Luís Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014, p. 75.

¹⁷ DELORY-MOMBERGER, Christine. *Histoire de vie et recherche biographique en éducation*. Paris: Economica Anthropos, 2005, 2005, p. 355.



circunstâncias. Do ponto de vista filogenético, os processos de biografização vinculam-se a circunstâncias sócio-históricas que tendem a direcionar a construção do indivíduo, conforme historiam Dosse¹⁸ e Delory-Momberger.¹⁹ Do ponto de vista ontogenético, esses mesmos processos acompanham o desenvolvimento de nosso psiquismo, desde a mais tenra infância, conforme descreve Bruner,²⁰ até a nossa morte.

Cabe, portanto, nos perguntar sobre o que nos move quando damos sentido ao que nos acontece. Em que espelho nos vemos? Que ideologia guia nossa interpretação? Daí a importância do estudo da multiplicidade de padrões interpretativos que nos atravessam e que se revelam, por vezes, em constante conflito. Essa preocupação nos remete à noção de identidade narrativa, proposta na década de 1990 por Paul Ricoeur (1913-2005), filósofo cristão preocupado com a hermenêutica dos textos sagrados do cristianismo e com a hermenêutica prática, pela qual o humano está diuturnamente atribuindo sentidos ao mundo e a si mesmo.

Se a *identidade narrativa* fundamenta-se, segundo Ricoeur,²¹ na capacidade de cada pessoa tecer uma narrativa coerente de sua própria existência, resta-nos perguntar: Sobre que base encontra ela essa coerência? Em que medida essa coerência é conformadora, transformadora ou mesmo deformadora da constituição de si como pessoa? Em que medida ela assegura a plenitude de sua humanidade? O que bloqueia e/ou o que emancipa a pessoa que narra das amarras de ideologias excludentes? Aqui encontramos o trabalho do sujeito e a preocupação com uma hermenêutica descolonizadora. Esse trabalho de biografização, se bem concebido, contraria dois mitos sobre as narrativas autobiográficas, ou autorreferenciais. O primeiro é o que pressupõe que as narrativas de si são eminentemente subjetivas, individualistas, solipsistas. O outro é que elas se voltam unicamente para o passado, em busca da constituição da memória, das causas e efeitos. Uma hermenêutica descolonizadora rompe com esses dois mitos. Toda narrativa autobiográfica implica a inserção de quem narra no mundo da vida, e está portanto marcada pela alteridade, pela voz do outro, pelo lugar do outro e o lugar que ocupamos na vida do outro e no seio de uma comunidade. Toda narrativa autobiográfica tem uma dimensão teleológica: ela se faz em função de um devir em construção. A interpretação que se alicerça no presente, busca raízes e motivações no passado que se tornam úteis para reinventá-lo, adequando-o a um projeto de vida futuro. Uma hermenêutica descolonizadora interroga-se sobre como se operam a mudança, a transformação e como se dá a travessia da tradição para a inovação, da sujeição para a emancipação, da submissão ao empoderamento.

¹⁸ DOSSE, François. *O desafio biográfico*. Escrever uma vida. Trad. de Gilson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

¹⁹ DELORY-MOMBERGER, 2014.

²⁰ BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médica, 1997; _____, 2014.

²¹ RICOEUR, Paul. *Temps et récit*, t.III, Le temps raconté. Paris: Seuil, 1985.

Na sociedade atual, dita biográfica,²² convém lembrar que o “giro discursivo” ou o “giro narrativo” se insere num momento de grandes mutações sociais em que as instituições tradicionais (família, igreja, escola, trabalho) remetem aos indivíduos a responsabilidade de encontrar por si só meios de se instituir como sujeito de direitos na sociedade. No seio dessa ambivalência, situa-se a ousadia de tomar o autobiográfico como objeto de estudo e conceber uma hermenêutica descolonizadora como vetor principal dessa capacidade humana, embora decididamente marcada pelos processos civilizatórios. Tal ousadia se sustenta em três apostas de diferentes ordens. A primeira aposta é de caráter epistemopolítico,²³ que coloca no centro do processo a capacidade humana de reflexividade autobiográfica. Acredita-se na capacidade do sujeito de elaborar táticas de emancipação e empoderamento, suficientemente boas para superar interpretações culturais excludentes, que o oprimem.

A segunda é uma aposta de caráter pós-colonial, ou descolonizadora, que se opõe a uma visada elitista do conhecimento, que desconhece a capacidade humana de reflexividade autobiográfica e de uma interpretação descolonizadora. Essa visão elitista ignora que as pessoas “comuns” podem superar uma curiosidade ingênua para chegar a uma curiosidade epistemológica, como sugere Freire, em seus estudos, a fim de melhor compreender as pressões cotidianas que as destituem de seus direitos e tendem a embotar sua consciência crítica. Para Freire,²⁴ “subestimar a sabedoria que resulta necessariamente da experiência sociocultural é, ao mesmo tempo, um erro científico e a expressão inequívoca de uma ideologia elitista”.

Finalmente, uma aposta pós-disciplinar, como sugere Ferrarotti,²⁵ ancorada na liberdade de ir e vir em busca de instrumentos heurísticos, ultrapassando uma visão disciplinar ou inter-, pluri-, multi-, transdisciplinar, para apostar numa perspectiva pós-disciplinar. Para Ferrarotti, isso significa dizer que é preciso buscar instrumentos heurísticos e metodológicos no lugar onde eles se encontram: na história social, na filosofia, na antropologia social e cultural, na etnografia, na psicologia e na psicanálise, mas também na literatura e na poesia.²⁶

Essa tríplice aposta está intimamente vinculada a quatro grandes orientações da pesquisa (auto)biográfica.²⁷ A primeira considera as narrativas autobiográficas como um fenômeno

²² ASTIER, Isabelle; DUVOUX, Nicolas (ss. la dir.) *La société biographique: une injonction à vivre dignement*. Paris; L'Harmattan, 2006.

²³ PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. *As histórias de vida*. Trad. de Carlos Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi, Natal: EDUFN, 2012.

²⁴ FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1992, p. 85.

²⁵ FERRAROTTI, Franco. Partager les savoirs, socialiser les pouvoirs. Entrevista. Christine Delory-Momberger. *Le sujet dans la Cité. Revue internationale de recherche biographique*, v.4, p.19-27, 2013.

²⁶ FERRAROTTI, 2013. Partager les savoirs, socialiser les pouvoirs. Entrevista. Christine Delory-Momberger. *Le sujet dans la Cité. Revue internationale de recherche biographique*, v.4, p.19-27, 2013.

²⁷ PASSEGGI, 2010. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M.C. e SILVA, Vivian Batista (Orgs.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-130.

antropológico. Nesse sentido, interessa-se pelos processos de individuação e de socialização dos seres humanos, interrogando-se sobre como nos tornamos quem somos. A segunda orientação utiliza as narrativas como fonte e método de investigação qualitativa, indagando-se sobre práticas sociais não apenas para produzir conhecimento sobre essas práticas, mas também para perceber como os indivíduos dão sentido a elas. A terceira orientação faz uso dessas narrativas como dispositivos de pesquisa-formação, instituindo o sujeito como pessoa interessada no conhecimento que ela produz para si mesma. Finalmente, a quarta orientação estuda a natureza e a diversidade discursiva das escritas (grafias) da vida (bios).

Do sujeito epistêmico ao sujeito autobiográfico

Para Boaventura de Souza Santos,²⁸ “a ciência moderna consagrou o homem como sujeito epistêmico, mas expulsou-o enquanto sujeito empírico”. Essa ruptura, que se julgou importante para fazer ciência nos últimos séculos, levou a privilegiar um sujeito abstrato, racional, objetivo, em geral, do sexo masculino, adulto, europeu e letrado, em detrimento do sujeito empírico, concreto, de carne e osso, e também subjetivo, individual, emocional. Nessa direção é que se pode eventualmente justificar a ausência da palavra da mulher, da criança, do analfabeto, do “nativo” na pesquisa científica, enquanto sujeitos empíricos que fogem aos padrões exigidos pela racionalidade científica, em função da “pobreza” do seu pensamento, da “insuficiência” de seus modos de expressão, da sua pouca idade, da “incapacidade” de reflexão crítica, do seu lugar na hierarquia social de um mundo androcêntrico, adultocêntrico, eurocêntrico. Contra essa exclusão da tradição científica (e cultural) em relação à mulher, à criança, ao analfabeto é que se insurge uma hermenêutica descolonizadora, confiante na capacidade humana de refletir sobre a própria experiência, independentemente do sexo, da idade e do grau de letramento. O que se adéqua a esse ensinamento bíblico: “Não há judeu nem grego, não há escravo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus”.²⁹

Com efeito, excluindo as situações-limite, em que os indivíduos sofrem processos de despersonalização, que os levam ao silenciamento, seja por tortura, seja por patologias neurológicas, por exemplo, seria impossível negar que a constituição de culturas próprias e de inserção do indivíduo no seio da sociedade, passa inevitavelmente pela capacidade de biografar-se. É essa aposta epistemopolítica que dirige a investigação na pesquisa (auto)biográfica, e que defende a capacidade de reflexão crítica do ser humano. Sem esse postulado é como se destituíssemos a pessoa da plenitude de sua humanidade. A capacidade de refletir sobre si e sobre sua experiência, de conhecer e de se autoconhecer é o que nos permite conhecer o que nos governa e dirige nossas ações no mundo que nos circunda.

²⁸ SANTOS, Boaventura de Souza. A crítica da razão indolente. Contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002, p. 81.

²⁹ Gl. 3, 28.

Delory-Momberger³⁰ lembra que Theodor Shulze considerava o processo de biografização em três níveis: a) como modo de dar conta da realidade vivida; b) como processo de elaboração de um texto; e c) como um processo de formação. É Shulze quem propõe a noção de sujeito biográfico no entrecruzamento dos dois primeiros níveis: o da biografização como arte de contar a vida e o da biografização como processo de elaboração do texto. O que pretendemos propor é que a cada um desses três níveis corresponda uma dimensão do sujeito. Na biografização como vida, encontramos o sujeito da experiência, que se reporta ao que acontece e ao que lhe acontece no mundo da vida. Na biografização como espaço de formação, teríamos o sujeito epistêmico, que retira lições das experiências vividas e contadas em sua narrativa. E na biografização, como processo de elaboração do texto, encontramos o sujeito autobiográfico, que se constitui na linguagem e pela linguagem, numa estreita relação com o sujeito epistêmico e o sujeito da experiência.

Para entender melhor essas três dimensões do sujeito, ou das subjetividades que nos constroem, não seria novidade retomar a célebre inscrição do Oráculo de Delfos, em que se alicerça a percepção mais remota do sujeito na memória coletiva no mundo ocidental: “Ó homem, conhece-te a ti mesmo e conhecerás os deuses e o universo”. Digo que nessa inscrição encontram-se amalgamados o *sujeito do autoconhecimento* (autobiográfico) – “conhece-te a ti mesmo” e o *sujeito do conhecimento* (epistêmico), capaz de conhecer os deuses e o universo. Mas antes seria preciso voltar-se sobre si mesmo e se autoconhecer. Aprendemos também com a cultura grega que nenhum conhecimento é inato, e que nada está no intelecto sem que antes tenha passado pelos sentidos. Cabe, portanto, introduzir, nesse exercício filosófico, o *sujeito da experiência* (empírico), de carne e osso, que se caracteriza por se situar no tempo delimitado de sua existência, do nascimento à morte, por se constituir como pessoa concreta (homem, mulher, adulto, criança), determinada por sua corporeidade, agindo e padecendo sob o impacto de normas, leis biológicas e culturais, sanções e poder, mas sempre suscetível de recompor-se e de auto(trans)formar-se continuamente.

É muito timidamente que se dá ao sujeito autobiográfico o direito de fazer sua entrada no mundo científico. O que gostaria de ressaltar, nessa primeira provocação sobre uma hermenêutica descolonizadora, é que o sujeito autobiográfico permite religar, nas pesquisas sobre o humano, a razão (sujeito epistêmico) e a emoção (sujeito empírico), separados pelas tradicionais dicotomias: sujeito/objeto, razão/emoção, teoria/prática.

Se voltar a considerar, com Shulze, o processo de biografização em três níveis – como realidade vivida (bios), como texto (narrativa) e como formação (reinvenção) –, direi que enquanto o sujeito da experiência vive a vida (bios), age e padece no mundo, o sujeito epistêmico metaboliza esse mundo da vida (bios), transformam em conhecimento a experiência vivida, o sujeito autobiográfico, por sua vez, toma a si mesmo, no processo de autobiografização, como objeto de

³⁰ Cf. DELORY-MOMBERGER, 2014, p. 331.

reflexão, e mediante o uso da linguagem (oral, escrita, digital, gestual, icônica...), transforma-se em narrativa, poesia e história. Sua essência não é, pois, a vida (bios), mas a narrativa (texto) na qual e pela qual torna-se um outro (formação).

O trabalho de biografização, mediante o qual a pessoa que narra se converte em autor e caminha na direção da conscientização, da resistência e da emancipação, estaria vinculado, como sugere Bruner,³¹ a um modo narrativo de pensar (literário, histórico, circunstancial), em oposição a um modo paradigmático (lógico-científico), objetivo. Portanto, a produção do conhecimento que resulta desse modo narrativo de pensar seria fundante para a constituição de uma hermenêutica descolonizadora na perspectiva de uma epistemologia do sul,³² em contraposição a uma epistemologia do norte, hegemônica, colonial, dogmática, excludente.

Considerações em aberto

Para não concluir, as leituras iniciadas no âmbito da teologia e da hermenêutica feminista mostram que esta se apoia em princípios também comuns ao da pesquisa (auto)biográfica, ou seja: a superação do dualismo, a descoberta positiva do relativismo, a centração no cotidiano, a reabilitação da memória, a valorização da experiência, a autoavaliação crítica. Trata-se, assim, em ambos os casos, de “rasgar o véu” por trás do qual, nós mulheres, nos encontramos: Cúmplices de uma tradição? Prisioneiras dela? Rebeldes? Transgressoras? Transformadoras?

Se os movimentos feminista, étnicos, homossexuais lutam para romper o silenciamento de séculos de opressão, as narrativas autobiográficas, em que cada pessoa é chamada a refletir sobre a experiência vivida em suas relações com o outro, com a espiritualidade, a sexualidade, a diversidade, só se justificam se fizerem efetivamente apelo a uma hermenêutica descolonizadora, contra uma mirada patriarcal androcêntrica, que dominou os processos de interpretação das mais diversas narrativas e mais particularmente as narrativas bíblicas e jurídicas, que incidem mais profundamente sobre a moral, a ética, as sanções sociais, a exclusão e a discriminação, minando os vínculos sociais de uma parte da população, que não corresponde aos padrões canônicos, impedindo-a de viver plenamente a sua humanidade, como legado da vida a que tem direito.

É mediante os processos de biografização que a pessoa que narra pode compreender os universos simbólicos que cerceiam uma interpretação política e crítica dos processos libertadores e emancipadores. Essas narrativas se caracterizam por fazer emergir na consciência de quem narra a importância de suas múltiplas dimensões: política, heurística, hermenêutica, afetiva, suscetíveis de lhe permitir tomar consciência de injunções coercitivas e opressoras. O processo de luta e de movimentos de resistência passam pela necessidade de ampliar cada vez mais essa reflexão autobiográfica em toda e qualquer comunidade, gerando um número cada vez maior de narradores

³¹ Cf. BRUNER, 2014.

³² Cf. SANTOS, 2009.



conscientes do poder de liberação pela palavra, que constitui uma ação no mundo, transformadora do mundo, promovida por ações coletivas, de pessoas concretas, em instituições concretas, que em cooperação promovem ações de liberação e de empoderamento sem as quais não pode haver mudança.

É por esse caminhar que vamos nos libertando de uma epistemologia da racionalidade científica e técnica, inventando uma hermenêutica descolonizadora da experiência humana. Para Boaventura de Souza Santos,³³ o próprio avanço da ciência objetivista permitiu “ver la fragilidad de los pilares que la sostenia”, permitindo abrir as portas ao que o autor denomina epistemologia do sul. Nesse sentido, mulheres, crianças, iletrados, negros, surdos, intelectuais contribuem com suas narrativas de vidas para uma linha de pensamento nascida do lado de cá, na América Latina, com sua teologia da libertação, com as ideias revolucionárias de conscientização, de empoderamento, contribuindo para novas formas de perceber o mundo da vida com mais solidariedade.

Referências

ALHEIT, Peter; DAUSIEN, Bettina. Processo de formação e aprendizagens ao longo da vida. In: *Revista Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 32, n. 1, p. 177-197, jan./abr. 2006.

ASTIER, Isabelle; DUVOUX, Nicolas (ss. la dir.) *La société biographique: une injonction à vivre dignement*. Paris; L'Harmattan, 2006.

AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer*. Trad. de Danilo. Marcondes de Souza Filho. / Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BARTHES, Roland. Introdução à análise estrutural da narrativa. In: BARTHES, R. et al. *Análise estrutural da narrativa*. Trad. Zeila Barbosa Pinto. Rio de Janeiro: Vozes, 1981, p.19-60.

BROCKMEIER, Jens; HARRÉ, Rom. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 525-535, 2003.

BOURDIEU, Pierre. L'illusion biographique. In : *Actes de la Recherche en Sciences Sociales*, v. 62/63, p. 69-72, juin 1986.

BRUNER, Jerome. *Fabricando histórias: literatura, direito, vida*. Trad. de Fernando Luís Cássio. São Paulo: Letra e Voz, 2014.

BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médica, 1997.

DOSSE, François. *O desafio biográfico*. Escrever uma vida. Trad. de Gilson de Souza. São Paulo: EDUSP, 2009.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Histórias de vida. Da invenção de si ao projeto de formação*. Trad. Albino Pozzer, Natal: EDUFRRN; Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2014.

³³ SANTOS, 2009, p. 31.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Biografia e educação*. Figuras do sujeito-projeto Trad. de Maria da Conceição Passeggi, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi. São Paulo: Paulus, Natal: EDUFRRN, 2008.

DELORY-MOMBERGER, Christine. *Histoire de vie et recherche biographique en éducation*. Paris: Economica Anthropos, 2005.

FERRAROTTI, Franco. *História e histórias de vida*. Trad. de Maria Passeggi; Carlos E. Braga. Natal: EDUFRRN, 2014.

FERRAROTTI, 2013. Partager les savoirs, socialiser les pouvoirs. Entrevista. Christine Delory-Momberger. *Le sujet dans la Cité. Revue internationale de recherche biographique*, v.4, p.19-27, 2013.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro, Paz e terra, 1992.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrativa, experiencia y reflexión auto-biográfica: por una epistemología del sur en educación. In: ARANGO, Gabriel Jaime Murillo (comp.) *Narrativas de experiencia en educación y pedagogía de la memoria*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Editorial de la Facultad de Filosofía y Letras Universidad de Buenos Aires, 2015.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Pierre Bourdieu: da “ilusão” à “conversão” autobiográfica. *Revista da FAEBA – Educação e contemporaneidade*, Salvador, v. 23, n. 41, p. 223-235, jan./jun. 2014

PASSEGGI, Maria da Conceição. A experiência em formação. In: *Revista Educação*. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 147-156, maio/ago. 2011.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Narrar é humano! Autobiografar é um processo civilizatório. In: PASSEGGI, M.C. e SILVA, Vivian Batista (Orgs.). *Invenções de vidas, compreensão de itinerários e alternativas de formação*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010, p. 103-130

PINEAU, G. As histórias de vida como arte formadora da existência. In: SOUZA, E. C.; ABRAHÃO, M. H. M. B. (orgs.). *Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006, p. 41-59.

PINEAU, Gaston; LE GRAND, Jean-Louis. *As histórias de vida*. Trad. de Carlos Galvão Braga e Maria da Conceição Passeggi, Natal: EDUFRRN, 2012.

RICOUER, Paul. *Temps et récit*, t.III, Le temps raconté. Paris:Seuil, 1985.

SANTOS, Boaventura de Souza. *Una epistemología del Sur*. México: Siglo XXI; CLACSO, 2009.

SANTOS, Boaventura de Souza. *A crítica da razão indolente*. Contra o desperdício da experiência. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

TOURAINÉ, Alain; KHOSROKHAVAR, Farhad. *A procura de si*. Diálogo sobre o sujeito. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

VIGOTSKI, Lev S. *A construção do pensamento e da linguagem*, 2001.



[Recebido em: novembro de 2016 /
Aceito em: dezembro de 2016